

UM CAPÍTULO ESQUECIDO NA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA DO
PORTUGUÊS: A OBRA DE MANUEL DE MELO
(AVEIRO, 1834 – MILÃO, 1884)¹

Evanildo Cavalcante Bechara

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Academia Brasileira de Letras

RESUMO: O texto traça comentário crítico à obra de Manuel de Melo e discorre sobre sua importância no contexto dos estudos linguísticos em português.

PALAVRAS-CHAVE: Manuel de Melo; obra linguística; relevância historiográfica.

ABSTRACT: *The text outlines a critical commentary on the work of Manuel de Melo and discusses its importance in the context of the linguistic studies in Portuguese.*

KEY WORDS: *Manuel de Melo; linguistic works; historiographic relevance.*

Introdução

É muito natural que os estudos de historiografia linguística passem em relativo silêncio as contribuições e comentários daqueles investigadores e escritores que não se dedicaram às ciências da linguagem, mas que sobre elas nos deixaram obras ou páginas que nada ficam a dever aos profissionais da matéria.

Entre esses investigadores deixados na penumbra da memória historiográfica está Manuel da Silva Melo Guimarães, mais conhecido por Manuel de Melo, raramente lembrado no Brasil, mas referido por Leite de Vasconcelos² como “o nosso apreciável filólogo”.

¹ Comunicação apresentada ao VII Congresso Internacional da Sociedade Espanhola de Historiografia Linguística realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto D’Ouro, de 3 a 6 de novembro de 2009.

² Esboço Histórico: A Filologia Portuguesa. In. *Opúsculos*, Filologia, v. 4.

Ainda o mesmo estudioso, em trabalho sobre a vida e a obra de Epifânio Dias³, transcreve nota do filólogo italiano Francesco d'Ovidio, em que o conhecido romanista italiano, anunciando a morte de M. de Melo, ocorrida em Milão, expressa o seguinte juízo de valor: “Egli era, per verità, un dilettante, e viveva nel Brasile, ma un dilettante scrupoloso e coltissimo, che in nulla differiva da un dotto di professione”.

Recentemente, Luís Prista e Cristina Albino, no informativo trabalho *Filólogos Portugueses entre 1868 e 1943*⁴, incluem brevemente o nome de Manuel de Melo e aludem ao livro *Da Glótica em Portugal* (1872).

Entre brasileiros, o Esboço escrito por Maximino Maciel em apêndice à sua *Gramática Descritiva*, em que faz o histórico dos trabalhos e dos representantes de estudiosos de língua, passa em silêncio o nome de Manuel de Melo. O mesmo silêncio se repete nos esboços de historiografia gramatical no Brasil elaborados por filólogos sempre bem informados, como acontece nos levantamentos de Antenor Nascentes⁵ e Sílvio Elia.⁶

Não fazem exceções sobre informações biobibliográficas do nosso autor boas enciclopédias saídas em Portugal e no Brasil. O *Dicionário de Machado de Assis*, de autoria do pesquisador brasileiro Ubiratan Machado, publicado em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, nos oferece bom acervo de notícias acerca da vida e obras não só de Manuel de Melo, mas ainda de seus irmãos, cedo chegados ao Brasil com o projeto de fazer carreira nas atividades do comércio.

Nas conferências proferidas por Alfredo Pujol⁷ sobre Machado de Assis ficaram lembradas as relações íntimas entre o autor de Dom Casmurro e Manuel de Melo. Segundo Pujol, Melo e Ramos Paz foram os que iniciaram Machado de Assis no gosto pelos clássicos portugueses; a boa formação especializada de Melo deve ter muito contribuído para o ideário teórico que fez de Machado, ao lado de José de Alencar, o escritor do seu tempo mais profundo conhecedor reflexivo dos fatos de língua portuguesa, conforme procuramos demonstrar em recente estudo intitulado “Machado de Assis e o seu ideário de língua portuguesa”, publicado no 2.º número do *Boletim*, da Academia Galega da Língua Portuguesa⁸.

³ Epifânio Dias: sua vida e labor científico, Lisboa 1922.

⁴ *Filólogos Portugueses entre 1868 e 1943*.

⁵ A. Nascentes, *Estudos Filológicos*, 1.ª série

⁶ S. Elia, *Ensaio de Filologia e de Linguística*.

⁷ A Pujol, *Machado de Assis*, 2.ª ed. Academia Brasileira de Letras, 2008.

⁸ E. Bechara, “Machado de Assis e seu ideário linguístico” (In, *Boletim* n.º 2 da Academia Galega da Língua Portuguesa, Santiago de Compostela, 2009).

Por esta íntima relação de amizade e de curiosidade intelectual entre Melo e Machado poderemos entrever o que importante seria o conjunto de preciosas informações que se poderia esperar da notícia introdutória sobre o nosso autor, solicitada por Ramos Paz ao famoso amigo e quiçá discípulo, às vésperas da saída do livro⁹, em 1889, prefácio que infelizmente não veio. Eis a resposta de Machado de Assis, em carta¹⁰ ao amigo:

[Rio de Janeiro] 3 de julho de 1889

Meu caro Paz,

Não sabia que a urgência era tal. Cuidei que era apenas tipográfica. Durante os dois dias santos tive aqui trabalho da Secretaria, e fui jantar fora, como te disse, no sábado. De noite, não trabalho. Daí o desgosto de devolver as provas sem prefácio. Era meu desejo fazer uma narração de parte da vida do Melo, suas ocupações literárias, os domingos que passávamos juntos, lendo[,] achando, trocando ideias, a fisionomia moral do nosso amigo e o contraste daquele beneditino com aquele elegante; não pôde ser, paciência. Desculpa-me, e adeus!

Velho amigo

Machado de Assis

Manuel de Melo só nos deixou um único livro, *Da Glótica em Portugal* (1872-1889), e uma série de seis “Notas lexicológicas”¹¹, saídas em 1880 na Revista Brasileira, Fase Midosi: I Dormindinho; II Saudade; III Tangro-mangro; VI Pariá, poleá; V Ambos de dois e VI Purpúreo, estudos aos que se referiu Leite de Vasconcelos como “de vasta erudição”.

Ubiratan Machado, no seu citado *Dicionário*, afirma de M. de Melo “A partir dos anos 60, publicou em jornais cariocas uma série de artigos sobre a sua paixão, a filologia” (pág. 217). Reunir tais artigos é tarefa para futuros biógrafos.

Com seu irmão Joaquim, Melo foi colaborador do *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva, e de uma dessas colaborações acerca do juízo crítico da obra *A Língua Portuguesa; Fonologia, Etimologia; Morfologia e Sintaxe*, de Francisco Adolfo Coelho, saída em 1868, nasceu a motivação para o livro de Manuel de Melo *Da Glótica em Portugal*, como veremos adiante.

⁹ Não se trata, pois, de “reunir alguns escritos de Melo em livro”, como supôs a comentadora da *Correspondência*, mas da publicação do livro *Da Glótica em Portugal*, de Manuel de Melo.

¹⁰ Carta transcrita da lição inserida na ed. de *Correspondência de Machado de Assis*, organização de Sergio Paulo Rouanet, Academia Brasileira de Letras, 1999.

¹¹ E não *Notas Lexicográficas*, como lhes chamou U. Machado.

1. Vida

A melhor e mais completa informação sobre a vida e as atividades de Manuel de Melo nos ministra Ubiratan Machado no seu precioso *Dicionário de Machado de Assis*.

Manuel da Silva Melo Guimarães, nascido em Aveiro, Portugal, em 1834, chegou ao Brasil em 1845 com 11 anos, acompanhado de dois irmãos Joaquim e Antônio, com o propósito de fazer carreira no comércio, sem, todavia, abandonar o gosto dos estudos de línguas, de literatura e do cultivo da música. Tais ocupações culturais o aproximaram cedo do patricio Francisco Ramos Paz, e ambos de Machado de Assis, a quem, segundo informação do biógrafo Alfredo Pujol, iniciaram no gosto da leitura dos clássicos e do cultivo da língua portuguesa, especialmente durante os encontros aos domingos, no Gabinete Português de Leitura.

Nas palavras de Ubiratan Machado, Manuel era “uma figura popular na colônia lusa,” e na sua casa, com seu irmão Joaquim, promovia saraus e representações teatrais de amadores. Manuel participou, em 1863, como intérprete da peça *Quase Ministro*, escrita por Machado de Assis. Machado dedicou-lhe o poema “Uma Ode de Anacreonte”, e juntos eram sócios do Club Beethoven.

Manuel foi bibliotecário do Gabinete Português de Leitura, e para a instituição organizou o seu *Catálogo Suplementar*, editado em 1870. Exerceu o importante cargo de secretário do Banco Rural e Hipotecário. Para amparar-se em suas investigações filológicas em textos de autores clássicos e de autoridades no campo das ciências da linguagem, numa época em que as bibliotecas no Rio de Janeiro (a British Subscription Library, a Germania, o Gabinete Português de Leitura e a Biblioteca Nacional) quase não dispunham de obras especializadas e técnicas editadas nos grandes centros universitários do mundo, procurava adquirir tudo o que fosse possível. Nas páginas finais do livro de Manuel que ajudou a editar, comentando essa situação de penúria bibliográfica, declara Ramos Paz:

Força foi, pois, ao autor esperar que da Europa lhe enviassem, com as obras de que padecia falta, as de cuja publicação, sucessivamente lhe chegava notícia; e dessas valiosas aquisições, realizadas com muita fadiga e grande dispêndio pecuniário, dão notícia as abundantes notas que constituem a parte não menos importante deste livro. (p. 342)

A valiosa biblioteca particular que Manuel de Melo, com grande fadiga e despesa, conseguiu reunir felizmente não se desbaratou, pulverizada num leilão.

Como continua a nos informar Ramos Paz, “a compra que dela fez o Gabinete Português de Leitura é um serviço que recomenda esta utilíssima instituição ao mais intenso reconhecimento dos amigos das letras” (Ibid). A compra significou também pôr hoje em situação singular o Real Gabinete como a biblioteca do país que possui a mais rica e completa coleção de obras linguísticas produzidas no mundo nos séculos XVIII e XIX.

2. Da Glótica em Portugal

Publicando o tomo nono do seu *Dicionário Bibliográfico Português*, que constitui o segundo do *Suplemento*, saído em Lisboa em 1870, Inocêncio Francisco da Silva registra o livro de Francisco Adolfo Coelho intitulado *A Língua Portuguesa, Fonologia, Etimologia, Morfologia e Sintaxe*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868, 136 páginas.

Continuando a informar seus leitores acerca do livro de Adolfo Coelho, declara:

A imprensa periódica, que um nosso crítico hodierno já alcunhou de *pouco conscienciosa e por via de regra demasiado fácil*, deu-se pressa em anunciar os primeiros fascículos da publicação com aqueles encômios exagerados ou gabos excessivos, que, no dizer do mesmo crítico, mais vezes prejudicam do que aproveitam os autores elogiados. Pouco depois apareceu no *Aristarco Português*, revista anual impressa em Coimbra nos princípios de 1869, p. 33 a 36, um artigo em que o autor da *Língua Portuguesa* é desde logo classificado como “o conhecedor mais profundo das origens da nossa língua, que em fonologia excedeu quanto até hoje se tem escrito entre nós, e perante quem os fazedores de gramáticas, que por aí pululam, devem de estar maravilhados da sua rotineira ignorância!

No mesmo artigo, porém, os elogios são contrabalançados pela exposição de defeitos, que de certo ninguém quererá para si:

Os períodos do autor da *Língua Portuguesa*, são (diz-se) de uma dureza férrea, leem-se com dificuldade, e o seu português está longe de ser correto e harmonioso. Falece-lhe a propriedade nos termos, desconhece a locução castiça, e, o que mais é, infringe as regras gramaticais na própria obra em que trata de arvorar-se em mestre da ciência! Nota-se-lhe ainda a aspereza, severidade e desabrimento das suas críticas, no modo como censura alguns nossos escritores, pois embora tenha razão, poderia dizer as mesmas verdades em frases mais cortesias e menos rudes” (p. 240-241 do *Suplemento*).

Depois desta longa transcrição da crítica estampada no *Aristarco Português*, Inocêncio tece outras objeções, todas lembradas por Manuel de Melo no seu livro — prova evidente de que o crítico do *Aristarco* é o próprio Manuel —, e conclui:

Impedido por minha completa e já agora insanável ignorância do idioma germânico de consultar nele as fontes originais, pesa-me deveras que a multiplicidade de encargos a que tenho de atender, me não deixasse até hoje livre sequer o tempo necessário para confrontar pausadamente com a *Lingua Portuguesa* essas duas ou três páginas da introdução à obra do filólogo de Giessen, que existem vertidas em francês, no capítulo que se inscreve *Domaine portugais*. Não me despeço contudo de empreender a confrontação na primeira oportunidade, desejo de conhecer e verificar por mim o muito que o ilustre autor da *Lingua* terá ampliado, de seu fundo e com os frutos da própria atividade, os trabalhos daquele seu *predecessor!* (Ibid., 242).

Diante de tanta crítica, envolta em tanta ironia, quem teve oportunidade de ler as páginas escritas de seus contemporâneos sobre o temperamento feroz e agressivo de Adolfo Coelho, ao lado, naturalmente, de seu saber e incansável produção intelectual, pode imaginar a impiedosa resposta ao autor do *Dicionário Bibliográfico* num opúsculo de 20 páginas, saído em 1870, intitulado *Algumas Observações acerca do Dicionário Bibliográfico Português e seu autor*, a que Leite de Vasconcelos chamou “hipercrítica”.

Nestas *Algumas Observações*, propõe seu autor dissuadir Inocêncio a qualquer confrontação:

São essas duas páginas e meia de Diez que o Sr. Inocêncio não teve tempo de confrontar com o meu livro para ver o que eu tinha aumentado; faria bem em não perder o seu tempo nessa confrontação, de que nada resultaria para satisfazer a boa vontade de me detrair, pois que de tão pouca cousa era impossível saírem XXIV — 136 páginas, se acaso esse tempo não fosse consumido na composição do documento mais miserável de má fé e estultícia que conheço (p. 19).

E arremata, em linhas abaixo das mesmas *Algumas Observações*:

Se um rapaz, ferido na sua vaidade juvenil ou na amargura da desesperação escrevesse o que o Sr. Inocêncio escreveu, seria justo que um velho lhe dissesse: não se irrite; seja prudente e busque pelo estudo e o trabalho consciencioso lavar-se da nódoa que lançou sobre si; mas quando um velho que se confessa chegado ao termo da sua carreira, é quem traça páginas como as que analisei, há direito de

julgá-lo definitivamente indigno do lugar que lhe concedeu a opinião pública; e esse juízo só ficará suspenso em o nosso espírito se pensarmos que a decrepitude produz frequentíssimas vezes o desarranjo das faculdades mentais (p. 19).

Está claro que Manuel de Melo, como filólogo corresponsável por opiniões endossadas por Inocêncio, estava implicado nas respostas e recomendações do opúsculo de Adolfo Coelho, e, por isso mesmo, se julgou no direito e dever de não fugir ao combate. Para responder às razões exaradas no opúsculo *Algumas Observações* de Adolfo Coelho, Manuel de Melo começa em 1871 a compor uma carta aberta intitulada *Da Glótica em Portugal*, que deveria ser agasalhada nas páginas do *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, mas pela demora da sua elaboração e composição tipográfica iniciada em 1872, pela morte de Inocêncio e depois pela do próprio autor, só saiu como livro de 343 páginas, em 1889, graças à dedicação do irmão Antônio e da presteza do amigo Francisco Ramos Paz.

Eis o seu testemunho no início da obra:

Não é intento meu dilatar por agora a análise do livro. Na capa das suas produções novíssimas anuncia textualmente o Sr. Adolfo Coelho que a edição exausta do fascículo será substituída por outra publicação”; O hábito das *retractions* (...), está profundamente inoculado no seu espírito, e a falta de crítica alheia o obriga a ser o crítico de si próprio. Esperemos portanto que o autor tenha acabado de passar a esponja sobre aquele trabalho que parecia fadado a desafiar os tempos; e enquanto *Le pluriel met une S à leurs meas culpás*, acompanhemos, o Sr. Adolfo Coelho através de um folheto de 20 páginas, manifesto famoso, a cujo aparecimento deu origem o aludido passo do *Dicionário*.

Entendeu V.Ex^a. dever declinar as vantagens ou frustrar os riscos do debate; não eu. Reclamei consequentemente o meu quinhão de responsabilidade, e pedi que, chegada a hora, me fosse consentido intervir. De graciosa anuência dá prova esta, a que, por arremedo de erudição alemã em tais assuntos, chamarei carta pública.

Pretendendo nela aquilatar os argumentos do folheto do Sr. Adolfo Coelho, devo, antes de tudo, dar a V. Ex^a. a receber parabéns por não termos de retratar-nos de cousa nenhuma. O que está escrito está escrito. Saíram incólumes da fogaosa referta todas as proposições do *Dicionário* (p. 7-8).

O livro *Da Glótica em Portugal*, a carta pública que Manuel de Melo endereçou a Inocêncio para ser originalmente incorporada ao *Dicionário Bibliográfico*, está estruturada em três planos de propósitos: no primeiro, e central, é responder criticamente às objeções exaradas no opúsculo *Algumas*

Observações, de Adolfo Coelho; em segundo lugar, em nota de rodapé, tecer comentários *a latere* sobre numerosas e riquíssimas informações bibliográficas consideradas pertinentes a temas discutidos ou por Manuel de Melo, ou por Adolfo Coelho; por último, trazer à baila lições desconcertantes de etimologias portuguesas discutidas por Adolfo Coelho, especialmente no *Grande Dicionário Português* de Domingos Vieira, sobre cujos méritos, além de outros, assim discorrem seus editores:

- 1.º No que toca à lexicografia portuguesa, não se tinha ainda introduzido a direção crítica: *ela aparece pela primeira vez no Dicionário de Fr. Domingos Vieira*;
- 2.º Que este se distingue de todos os da língua portuguesa que o precederam “por apresentar largas discussões de etimologia científica, ignorada por todos os autores desses dicionários”;
- 3.º Que “na revisão e alargamento do manuscrito original têm colaborado pessoas competentíssimas, e entre outras, o Sr. Adolfo Coelho, *o primeiro que em Portugal estuda as línguas sob o ponto de vista científico*” [Os itálicos são de Manuel de Melo].

A leitura do livro com estes três planos aludidos acima, apesar do caráter de vasta erudição reconhecido por Leite de Vasconcelos, mereceu-lhe, com razão, a crítica de “extremamente prolixo”, por ter anotações que ocupam mais da metade do corpo da obra.

Todavia, todas as páginas do livro encerram não só preciosas considerações da parte de ambos os contendores sobre métodos de trabalho científico, noções teóricas de várias disciplinas das ciências da linguagem, dissertações críticas acerca de historiografia linguística que dificilmente se encontram em obras congeneres. O investigador que desejar esmiuçar estes e outros temas tratados no *Da Glótica em Portugal*, levemente aludidos aqui pela natureza desta comunicação, encontrará muito que reunir e comentar.

Pequena amostra disto nos darão os seguintes assuntos. Comentando a crítica ao processo de “retratações” referido por Manuel de Melo, declara Adolfo Coelho:

Desde que publiquei o primeiro fascículo do meu livro, tenho-o submetido a um exame paciente, com o fim de descobrir o que nele há de falso; o hábito das retractationes está profundamente inoculado em mim; além de que a falta de crítica alheia me obriga a ser crítico de mim próprio. Pois confesso francamente que tenho encontrado no meu livro defeitos, que em breve descobrirei em público, porque só assim ele os poderá conhecer (*Algumas Observações*, p. 9).

Seguem-se alguns enganos denunciados pelo próprio Adolfo Coelho, alguns dos quais já aludidos por Melo.

Acerca da crítica ao estilo e à vernaculidade de fatos de linguagem encontrados no seu *A Língua Portuguesa*, explicita Adolfo Coelho:

Diz o autor do *Aristarco Português* que eu infrinjo as regras gramaticais na própria obra em que trato de arvorar-me em mestre da ciência; estas palavras provam que nem o meu crítico, nem o Sr. Inocência, que o repete, compreenderam a distância que separa o meu livro dos trabalhos propriamente gramaticais. Para mim a língua é um fato, cujos momentos e gênese trato de estudar, sem atender ao resultado prático, que possa provir do meu estudo; escreve-se de certo modo; fala-se de certa maneira; a minha questão está em saber porque é que assim se escreve, porque é que assim se fala. É o ponto de vista científico.

Não pretendo ensinar como se deve escrever português; podia até ser incapaz de escrever um só período nesta língua, e conhecer-lhe todavia perfeitamente as origens e transformações.

Por mais que os gramáticos legislem e pretendam imobilizar as línguas com as regras por eles inventadas, e que quase sempre não são mais que a má expressão dum fato, elas seguem incessantemente o curso de suas transformações. Cada escritor lhes dá um caráter particular, afeiçoando-as ao seu gênio; cada época as renova. Quem fala ou escreve uma língua, só é obrigado a empregar as formas e construções gramaticais dessa língua. Fora disso, toda a liberdade lhe é permitida, é isso o que têm feito os grandes escritores de todos os países (*Algumas Observações*, p. 7-8).

E noutra passagem anterior, continua Adolfo Coelho, em resposta às condenações de M. de Melo, que o acusa de “desconhecer a locução castiça e de infringir as regras gramaticais:

O ponto de vista do autor desse livro, como o de todos, que fazem a crítica dessa maneira, é absolutamente diverso do ponto de vista sob que trabalho. Não gasto o meu tempo a arredondar períodos, a consultar o dicionário de epítetos, ou a evitar os pneumas que me saem dos bicos da pena. Aspiro unicamente a exprimir as minhas ideias com clareza e conexão lógica.

Quando tinha dezesseis anos, o pedantismo da escola reagia ainda sobre o meu espírito; por isso colhia com santa paciência em os nossos chamados clássicos a flor da frase quinhentista e seiscentista, e recheava com essas pérolas doutros tempos uns romances muito ridículos, em cuja composição gastava as horas vagas, e sabia de cor o glossário de palavras e frases introduzidas da língua francesa do bom fr. Francisco de S. Luís. Depois essas aspirações de purismo da linguagem

desapareceram do meu espírito; e creio que, emancipando-me delas, realizei um grande progresso. Outros, que uma vez possuídos duma ideia falsa são incapazes de se convencer da ideia contrária, pensam na idade avançada como eu pensava aos 16 anos. Não tenho culpa da sua puerilidade.

Costumado a ver na linguagem uma cousa essencialmente móvel onde, dentro de certos limites impostos pelo tipo de cada língua especial e por leis, que não criam nem os gramáticos nem os puristas, mas que dimanou da natureza mesmo (sic) da linguagem, se manifesta o espírito de homem na sua liberdade e espontaneidade, rio-me tanto do dogmatismo dos gramáticos, como de qualquer outro dogmatismo (*Algumas Observações*, p. 6-7).

Não é gratuitamente que trazemos à baila estas considerações sobre a vernaculidade que deve estar presente em textos que tratam de língua portuguesa, em pleno 1872. Às palavras de Manuel de Melo “Mais algum acatamento às formas e construções gramaticais, eis aí, eis o que se principiou por pedir ao Sr. Adolfo Coelho” (p. 17) vale juntar as queixas de Borges Grainha, em 1905, no seu livro sobre a história da educação em Portugal, por não ver no currículo acadêmico um espaço na formação do professor para ensinar-lhe o uso adequado do vernáculo¹². Lembremo-nos de que na reforma de ensino promovida em Portugal pelo Ministro Jaime Moniz, no final do séc. XIX, teve participação relevante o nosso Adolfo Coelho.

Passando a outros temas ventilados na contenda travada entre Manuel de Melo e Adolfo Coelho, mereceu particular atenção para o capítulo da história da investigação das ideias linguísticas no seu país a erudita excursão do autor de *Da Glótica em Portugal* na resposta às seguintes arrasadoras palavras de Adolfo Coelho:

Só num país, como o nosso, onde nunca se soube o que seja crítica, e os ídolos literários andam envolvidos em constante atmosfera de incenso; onde a educação intelectual produz o servilismo das opiniões, amesquinha os espíritos, tornando-os incapazes de se emancipar dos preconceitos, é que pode haver um acadêmico assaz inepto para publicar essas palavras que acabo de transcrever. Nem uma palavra para provar que sejam falsas as minhas asserções acerca da ignorância que em Portugal existe dos trabalhos da moderna ciência das línguas; dos erros de Ribeiro dos Santos, Cardeal Saraiva, João Pedro Ribeiro sobre a origem da nossa língua; das etimologias absurdas e ridículas, que se encontram no Dicionário do Sr. D. José de Lacerda; do meu juízo acerca do livro do Sr. Leoni;

¹² M. Borges Grainha, *A instrução secundária de ambos os sexos no estrangeiro e em Portugal*, Lisboa, Tipografia Universal, 1905.

ou para provar, por exemplo, que as opiniões relativas ao latim vulgar, expressas na Introdução da História de Portugal do Sr. A. Herculano, não sejam errôneas. Provar é próprio dos espíritos lógicos; compreende-se, pois, que o Sr. Inocêncio só declame e não prove (*Algumas Observações*, p. 8-9).

Ponto por ponto, da página 18 à 186, Manuel de Melo rebate as veementes declarações de Adolfo Coelho, ora relativizando-as pela conformidade com as ideias correntes na ciência do tempo dos autores arguidos, ora mostrando que tais autores foram mais adiante das questões em que os pôs o autor das *Algumas Observações*. Por outro lado, em questões de etimologia e de lexicologia crítica, Adolfo Coelho e seus colaboradores na organização do *Dicionário* ou *Tesouro da Língua Portuguesa* do Fr. Domingos Vieira não andaram muitas vezes melhor que os autores objeto de sua arguição, bem como, em muitas outras ocasiões, se limitaram a traduzir Littré, quiçá mal, em alguns verbetes, enquanto em outros, empobrecendo significados já consignados em Bluteau, Morais e Constâncio.

Vejam-se, para exemplificação, as etimologias de *camisa* e *camisola*, repudiadas por A. Coelho, no comentário de M. de Melo: “Para *camisola*, [no *Dicionário* de Domingos Vieira aparece] a mesma etimologia de Bluteau e de Constâncio, o francês *camisole*. Para *camisa* — como dizê-lo? — a tradução servil da nota de Littré, adrede desmanchada na ordem dos períodos, e a um ponto interpelada com outro farrapo de Engelmann” (*Da Glótica*, p. 149-152, e em longas notas de rodapé exemplifica sua crítica).

Lembrou Manuel de Melo que aquilo atribuído por Adolfo Coelho a trabalho lexicográfico também macula páginas e páginas do *Dicionário* de Domingos Vieira: um dicionário é em geral aproveitamento de dicionários de seus predecessores, na opinião de Coelho.

No tocante às fontes bibliográficas estrangeiras, de que o livro de Melo reúne um número quase impensável no Brasil, em especial no Rio de Janeiro da época em que foi escrito o *Da Glótica em Portugal*, uma ou outra vez seu autor tem oportunidade de contraditar o adversário por ter conhecimento de lição mais atualizada do que a fonte por aquele citada; um desses casos é o novo conceito que Georg Curtius, nas pegadas de Wolf, Böckh, Niebuhr, Otfried Müller, passou a agasalhar em 1862 da noção de filologia como ciência da antiguidade, e do âmbito que a disciplina deveria abarcar (p. 198-199 de *Da Glótica*). Adolfo Coelho, rebatendo seus críticos, declara:

O Sr. Inocêncio parece comprazer-se em revelar a sua profunda ignorância das cousas alemãs. Os sábios alemães (...) traçam uma profunda linha divisória entre filologia e linguística ou glótica, como eles melhor lhe chamam. V. por exemplo o escrito de G. Curtius *Die Sprachvergleichung in ihrem Verhaeltisse*

zur classischer Philologie. Berlin, 1848; A. Schleicher *Die deutsche Sprache*. Stuttgart, 1860; Masc Müller *Lectures on the science of Language*, first series. (*Algumas Observações*, p. 11).

Ao que M. de Melo treplica:

Mas, se o Sr. Adolfo Coelho pretendia alcançar “a noção que se forma de filologia hoje na Alemanha”, não a devia pedir a esse escrito de Curtius, porém à preleção com que o autor mais tarde inaugurou o seu curso de filologia clássica na Universidade de Leipzig: “Assim veio pois a prevalecer pouco a pouco um terceiro modo de considerar a filologia, no sentido fundamental que F.A. Wolf lhe estabeleceu, de ciência da antiguidade” (*Philologie und Sprachwissenschaft*, Leipzig, 1862, (*Da Glótica*, p. 199).

Além da linguística, as observações de Melo convidam Adolfo Coelho a corrigir e atualizar seus conhecimentos sobre arqueologia de Portugal e do resto da Europa.

De todas as páginas que integram o precioso e erudito livro de Manuel de Melo se extraem duas fortes motivações para compreender-lhe a longa tarefa da crítica: o amor da pátria ferido pela ferocidade de um jovem cientista, e a modéstia que deve presidir o trabalho intelectual.

Neste sentido, julgamos que, para terminar esta comunicação, oportunas são as palavras de Max Müller, numa preleção proferida na Universidade Imperial de Strasburgo, aos 23 de maio de 1872: “Quem pretender dedicar-se ao estudo de ciência tão vasta [falava da nossa] há de ser e fielmente praticar duas virtudes: consciência e modéstia. Quanto mais velhos nos tornamos, tanto mais sentimos os limites do humano saber. Está disposto, disse Goethe, que as árvores não cresçam até ao céu. Cada um de nós só pode assenhoriar-se de um terreno acanhadíssimo, e o que o nosso saber ganha em extensão perde-o inevitavelmente em profundidade (...) Este inconveniente reside na própria natureza de toda a ciência comparada (...) Resguardemo-nos da onisciência e da infalibilidade” (citação em *Da Glótica*, p. 79 n.º 2).